



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Comunicação Organizacional
Orientação: Sérgio Ribeiro de Aguiar Santos

LUAN MARCEL PIMENTEL DE MELO
ROBERTO JUREMA ESTEVES FILHO

O PÃO QUE O DIABO AMASSOU
A produção de um curta-metragem de comédia e terror

BRASÍLIA
2023

Luan Marcel Pimentel de Melo
Roberto Jurema Esteves Filho

O PÃO QUE O DIABO AMASSOU
A produção de um curta-metragem de comédia e terror

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ribeiro de Aguiar dos Santos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Problema da pesquisa e justificativa.....	2
1.2 Objetivos.....	3
1.2.1 Objetivos principal.....	3
1.2.2 Objetivos secundários.....	3
2. CINEMA DE CURTA-METRAGEM.....	4
3. GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS.....	6
3.1 Terror.....	8
3.2 Comédia.....	9
3.3 Comédia de terror.....	11
4. PRODUÇÃO DE CURTA-METRAGEM.....	12
5. MEMÓRIA DE PRODUÇÃO.....	14
5.1 Roteiro.....	14
5.1.1 Referências narrativas.....	14
5.2 Pré-produção.....	17
5.2.1 Equipe.....	18
5.2.2 Casting.....	18
5.2.2.1 A menina.....	19
5.2.2.2 Os meninos.....	20
5.2.2.3 Os personagens secundários.....	21
5.2.3 Locações.....	21
5.2.4 Figurinos.....	22
5.2.5 Objetos de Cena.....	25
5.2.6 Ensaio.....	27
5.3 Produção.....	28
5.3.1 Equipamentos.....	28
5.3.2 Alimentação nos sets.....	29

5.3.3 Fotografia e iluminação.....	29
5.3.4 Primeiro dia de gravação.....	31
5.3.5 Segundo dia de gravação.....	36
5.3.6 Dificuldades.....	39
5.4 Pós-produção.....	41
5.4.1 Imagem.....	41
5.4.2 Som.....	42
5.4.3 Custo total do projeto.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
FILMOGRAFIA.....	47
APÊNDICE A - ROTEIRO DO FILME.....	49
APÊNDICE B - LINK PARA O FILME.....

LISTA DE GRAVURAS

Figura 1 — Inspirações para a menina demoníaca.....	15
Figura 2 — Crianças sobrenaturais em filmes de terror.....	16
Figura 3 — Filme O Gabinete do Dr. Caligari.....	16
Figura 4 — Filme Zumbilândia.....	17
Figura 5 — Cena de inspiração para teste das atrizes.....	20
Figura 6 — Principal locação.....	21
Figura 8 — Atriz provando o vestido.....	23
Figura 9 — Teste de maquiagem e cabelo.....	24
Figura 10 — Foto do pão.....	25
Figura 11 — Espeto colado no cinto.....	26
Figura 12 — Ensaio.....	27
Figura 13 — Disposição das luzes.....	30
Figura 14 — Maquiagem 1º dia de gravação.....	32
Figura 15 — Primeira cena.....	33
Figura 16 — Cena do banheiro.....	33
Figura 17 — Atores.....	35
Figura 18 — Intervalo entre cenas.....	36
Figura 19 — Ajustes finais para cena à mesa.....	37
Figura 20 — Efeito do papelão que deu errado.....	38
Figura 21 — Maquiando perfuração do espeto.....	39
Figura 22 — Equipe.....	41

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a produção de um curta-metragem de baixo orçamento que combina os gêneros da comédia e do terror, sendo dividido em duas etapas. A primeira é uma investigação teórica baseada em trabalhos acadêmicos, livros e filmes sobre terror, comédia, e a produção de curta-metragens. A segunda parte do estudo é de natureza prática. Aplicando os conhecimentos assimilados na fase anterior, essa etapa compreende a produção do filme “O Pão que o Diabo amassou”. O produto é uma comédia de terror que conta a história de três amigos que são surpreendidos pela presença de uma garota assustadora e fantasmagórica durante uma trivial noite de churrasco e tem 12 minutos de duração.

Palavras-chave: Terror; comédia; gêneros cinematográficos; curta-metragem; baixo orçamento

ABSTRACT

The present work aims to analyze the production of a low budget short film that combines the genres of comedy and horror, being divided in two stages. The first one is a theoretical investigation based on academic works, books and films about horror, comedy and the production of short films. The second part of this study is practical. Applying the knowledge assimilated in the previous phase, this stage comprises the production of the film “O pão que o Diabo amassou”. The product is a horror comedy that tells the story of three friends who are surprised by the presence of a scary and ghostly girl during a trivial barbecue night, and is 12 minutes long.

Keywords: Horror; comedy; film genres; short film; low budget.

1. INTRODUÇÃO

Todos os anos a indústria do cinema movimenta montantes bilionários. Mas essa não é a realidade da maioria dos cineastas independentes. A produção de um curta-metragem de baixo orçamento se apresenta então como um meio viável de incluir-se nessa arte. É um ambiente propício à experimentação e aprendizado. Do roteiro à distribuição, o processo é desafiador e requer soluções criativas e baratas para problemas caros.

Nesses casos, a liberdade para experimentar se expande até à escolha de gênero do filme. Servindo de laboratório para união de dois ou mais estilos em uma mesma obra. Gêneros que parecem não combinar, podem resultar em obras interessantes e que fogem do comum quando juntos. Como é o caso do terror e da comédia.

Há séculos, histórias de terror são contadas pela humanidade, seja para interpretar e fantasiar sobre os perigos do mundo ou simplesmente para entreter. Transmitidas por meio de lendas orais, desenhos, livros e filmes, não faltam meios para que elas cheguem a quem tem coragem de encará-las.

A comédia, por outro lado, à primeira vista, se apresenta como um gênero quase antagônico ao terror, tendo como seu objetivo principal levar o espectador ao riso. Mas ela não se limita simplesmente a divertir quem a consome. Obras cômicas costumam trazer, através do humor, críticas a pessoas, situações e a sociedade em geral.

Mesmo com essas diferenças, ao colocar os dois gêneros lado a lado, é possível perceber que tanto o terror quanto a comédia utilizam ferramentas parecidas para atingir objetivos diferentes. O exagero, por exemplo, é uma ferramenta narrativa frequentemente utilizada por filmes de ambos os gêneros. No caso do terror, para causar ainda mais impacto e medo em cenas assustadoras. Já na comédia, para criar situações inusitadas e personagens caricatos.

Quando esses gêneros estão envolvidos em um mesmo filme, a obra transmite uma mistura de experiências a quem a assiste. O espectador passeia entre dois sentimentos diferentes, o medo e a gargalhada. Ambos se alternando, mas com a mesma finalidade: entreter.

Neste trabalho de conclusão de curso, nos propusemos a explorar as dificuldades que costumam ser encontradas em uma produção de filme com recursos financeiros limitados. Para isso, nos desafiamos a realizar, do roteiro à pós-produção, um curta-metragem de baixo orçamento.

O filme “O Pão que o Diabo amassou” conta a história de três amigos que são surpreendidos por uma menina assustadora e misteriosa durante uma noite comum de churrasco. Apesar do medo inicial, os amigos acolhem a garota e compartilham um momento de descontração com ela.

Para realizar o projeto, foram utilizadas ferramentas narrativas tanto do terror quanto da comédia. Buscamos guiar o espectador por essa alternância através de mudanças na iluminação, trilha sonora e pela própria história em si.

Mas antes de produzir um filme, é preciso planejá-lo. Por isso, por meio de um estudo teórico, investigamos o formato de curta-metragem e os gêneros do terror e da comédia utilizando referências bibliográficas e filmográficas. Essa pesquisa permitiu traçar estratégias durante a pré-produção que tornaram a realização do curta-metragem viável.

Todo o processo de criação desse curta-metragem, incluindo as dificuldades e oportunidades encontradas e também os erros e acertos cometidos, estão relatados a seguir. Junto a isso, está a investigação teórica que pautou a escolha de processos narrativos e técnicos do filme.

1.1 Problema da pesquisa e justificativa

Os curtas-metragens são uma porta de entrada à cinematografia para produtores iniciantes e um laboratório para os mais experientes. Apesar disso, levantar recursos para a produção de um filme dessa categoria pode ser um desafio. O retorno financeiro dos curtas costuma ser baixo, e isso desestimula possíveis financiadores do projeto.

As etapas que envolvem a produção de um filme são caras. Desde a pré-produção à distribuição são necessários investimentos em equipamentos, transporte, remunerações à equipe e outros processos fundamentais para que o resultado final do projeto apresente a qualidade esperada. Sendo assim, os

realizadores de um filme de curta-metragem de baixo orçamento precisam encontrar estratégias criativas para superar esses e outros obstáculos.

Dessa forma, explorar as dificuldades e possíveis soluções que viabilizam esse tipo de projeto torna este trabalho relevante para estudantes e profissionais da área de comunicação, possíveis realizadores independentes e também qualquer um que tenha a curiosidade de entender os processos por trás da produção de um filme de curta-metragem.

Junto a esses pontos, a própria união entre os gêneros do terror e comédia também é um assunto que merece ser explorado. O subgênero que mistura essas duas categorias cinematográficas, por vezes chamado de comédia de terror, ainda é pouco explorado academicamente no Brasil. Investigar como se dá essa mistura, e os motivos por trás do porquê ela funciona, podem ajudar a entender inclusive outras combinações de gêneros no cinema.

Por último, a produção audiovisual caminhou conosco por toda a graduação na Universidade de Brasília. Ao longo desses anos, cultivamos a vontade de realizar um curta-metragem de ficção, e encontramos nesse trabalho de conclusão de curso uma oportunidade de encerrarmos este ciclo com um projeto que nos enche de orgulho.

1.2 Objetivos

Este trabalho possui 1 objetivo principal e 3 objetivos secundários.

1.2.1 Objetivos principal

Desenvolver, do roteiro à pós-produção, um filme de curta-metragem com baixo orçamento que una os gêneros da comédia e do terror.

1.2.2 Objetivos secundários

A. Pesquisar o cenário de produção audiovisual do subgênero comédia de terror.

- B. Encontrar soluções para as dificuldades que permeiam uma produção cinematográfica de baixo orçamento.
- C. Proporcionar um ambiente de aprendizado para a equipe do curta-metragem.

2. CINEMA DE CURTA-METRAGEM

Os filmes de curta-metragem são uma forma de arte cinematográfica que se caracteriza por apresentar obras com duração reduzida. No Brasil, a Agência Nacional de Cinema (Ancine) entende como curtas as películas com até 15 minutos. Mas apesar de sua brevidade, o curta-metragem é capaz de transmitir ideias e emoções de maneira tão eficiente quanto os longa-metragens. Para isso, é preciso que a produção seja pautada em recursos técnicos e narrativos específicos que permitam que uma obra com tempo de exibição pequeno possa ter o efeito esperado no espectador.

Junto às características acima, a brevidade de um curta-metragem também traz espaço para a experimentação e inovação. Segundo Bordwell e Thompson (2006), a brevidade do curta-metragem é uma vantagem, pois permite que os cineastas sejam mais ousados e arriscados em sua linguagem cinematográfica. Além disso, o curta-metragem pode ser utilizado como um formato de laboratório para testar novas técnicas e narrativas.

Por, normalmente, serem realizados com orçamentos e equipes menores que os longa-metragens, os curtas costumam ser a porta de entrada para muitos produtores iniciantes. E, de certa forma, são também o início do cinema como um todo, já que no final do século XIX, estes foram os primeiros filmes a serem produzidos.

Tão importante quanto saber usar corretamente um bom equipamento cinematográfico é saber produzir um filme sem ele; saber escrever um bom roteiro que possa realmente ser produzido; criar uma boa fotografia sem os refletores ideais; produzir sem dinheiro. Não se trata de desqualificar o processo cinematográfico, mas de qualificar o vídeo digital de curta-metragem. (MOLETTA, 2019, p. 11)

Com o avanço da tecnologia e a chegada dos longas-metragens, os curtas perderam espaço na indústria cinematográfica. Hoje, estes filmes movimentam um montante financeiro muito pequeno quando comparado aos longas. É difícil distribuir

e conseqüentemente ganhar dinheiro com uma obra de curta-metragem. Apesar disso, a Internet diminuiu a distância entre o produtor de filmes e seus espectadores. Plataformas como o Youtube e o Vimeo são acessadas todos os dias por milhões de usuários e se apresentam como possíveis hospedeiros de curta-metragens. Para Moletta (2019, p.169) “Não há forma mais democrática de divulgar seu curta-metragem, pois o processo é cumulativo: quando alguém assiste e gosta, indica o vídeo a outras pessoas, que farão o mesmo se também gostarem, e o número de espectadores crescerá vertiginosamente.” Além disso, as redes sociais são ferramentas indispensáveis para a propagação de obras cinematográficas, para os curtas, isso não é diferente.

Outra peculiaridade dos curta-metragens é a necessidade de transmitir mensagens de maneira concisa e direta. Como o tempo de duração é limitado, os cineastas precisam ser eficientes em sua narrativa. Isso exige uma abordagem mais concentrada, na qual cada elemento da narrativa deve ser essencial e relevante para a história contada. Segundo Sobchack e Sobchack (1987), o curta-metragem é capaz de expressar uma visão de mundo intensa e condensada, o que o torna uma forma de arte poderosa.

A produção de um curta-metragem, envolve uma série de etapas. A primeira delas é a criação do roteiro. Nesta fase, o roteirista deve elaborar uma história interessante e relevante, que possa ser contada em um tempo reduzido. O roteiro deve ser bem estruturado, apresentar personagens bem desenvolvidos e um enredo coeso. Para o cineasta Renato Tapajós, em entrevista a Rafael Spaca (2017):

O bom curta é aquele que foi pensado, desde a definição de seu conteúdo, como curta. Que tem uma narrativa que leva para um desfecho rápido em pouco tempo. Geralmente tem algo de anedótico: uma história que se fecha com um fim surpreendente, ou que desvenda a trama, ou que dá uma visão nova do assunto. (TAPAJÓS, 2017, p. 19)

Em seguida, é preciso definir a equipe técnica e artística, que será responsável pela produção do filme. Entre os profissionais envolvidos, estão o diretor, responsável pela condução da narrativa e da equipe; o diretor de fotografia, responsável pela captação das imagens e iluminação; o produtor, responsável pela organização e administração da produção; e os atores, que interpretaram os personagens da obra.

A etapa seguinte é a produção em si, que envolve a gravação das cenas e a captação do áudio. Segundo Moletta (2019), nessa fase, é importante que a função de cada membro da equipe esteja bem descrita para garantir que as cenas sejam gravadas de acordo com o roteiro e com as intenções artísticas do diretor.

Após a gravação, é feita a edição e montagem do filme, que é a fase de pós-produção. Nessa etapa, o editor seleciona as melhores cenas e as organiza de maneira apropriada para a narrativa. A trilha e os efeitos sonoros também são adicionados nessa fase, para complementar a experiência do espectador. Por fim, o filme passa pela etapa de finalização, que inclui a correção de cores, ajustes de som e a criação dos créditos. (BARNWELL, 2013)

Com o curta-metragem finalizado, o filme pode começar a ser exibido. Esse estágio, para um curta-metragem, é um grande desafio. Os curtas não costumam ser exibidos em salas de cinema convencionais, e em geral movimentam menos dinheiro do que os longas-metragens. Portanto, é preciso traçar estratégias criativas e alternativas para que a obra chegue ao público-alvo. Mostras e festivais são algumas das formas mais populares de promoção, assim como a publicação do filme na internet (MOLETTA, 2019).

Assim, quando bem executado e distribuído, um curta-metragem pode superar os desafios que o formato impõe aos produtores. Se tornando um ambiente confortável para a experimentação de recursos técnicos e narrativos, e transmitindo mensagens poderosas ao público-alvo.

3. GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS

A cinematografia é uma forma de arte que captura seus elementos visuais em filme. Logo, os gêneros cinematográficos são uma forma de classificar obras que apresentem características similares. Essas características incluem elementos narrativos, temáticos, personagens, estéticos e propósitos semânticos. (NOGUEIRA, 2010, p.3-4)

Essa organização é importante tanto para os espectadores quanto para os criadores de filmes. Pelo lado de quem assiste, é possível saber o que esperar de uma obra antes mesmo de assisti-la. Se você quer dar risada, é mais comum escolher filmes de comédia a filmes de terror, por exemplo. Para os produtores, essa

divisão também é útil. Como cada gênero tem características próprias, esses elementos oferecem uma espécie de guia para a criação de um filme.

Mas apesar de ser importante seguir algumas dessas características para que o público entenda para onde o filme deve seguir, também é preciso saber fugir delas. Uma obra que insiste apenas em elementos muito familiares ao espectador se torna genérica e monótona. A produção de um bom filme passa, portanto, em saber dosar o que se entrega de esperado e inesperado ao público. Isso leva a mutações dos gêneros cinematográficos. (NOGUEIRA, 2010, p.13)

Um espectador que entra em uma sessão de cinema para assistir a um filme de comédia e assiste a um filme sobre um assassino em série sem nenhuma cena de alívio cômico ficará insatisfeito. Entretanto, se o filme conta a história do mesmo assassino, mas de forma bem humorada, a obra entrega o que o espectador esperava de comédia e ainda o surpreende com elementos naturais de outro gênero. Devido a essas misturas de gêneros, para classificar melhor os filmes, tornou-se necessário criar subgêneros cinematográficos. O do exemplo poderia ser classificado como uma comédia ou sátira de terror.

Os subgêneros permitem uma categorização e compreensão ainda mais precisas dos filmes. Dessa forma, proporcionando uma segmentação mais específica dos nichos de mercado cinematográfico.

Sendo que a ideia de subgênero remete necessariamente para as ideias de divisão ou de inferioridade, uma possível distinção entre gênero e subgênero poderá passar pela identificação de um vasto conjunto de características críticas profundamente marcadas para um gênero (ou seja: um gênero tende a ser universal e a incluir o maior número de obras), ao passo que um subgênero tenderá a assentar num conjunto limitado de características comuns aos filmes que os integram. (NOGUEIRA, 2010, p. 44).

Entender essas divisões e como se aproveitar delas para criar uma obra que agrade o público-alvo é primordial para a criação de um bom filme. Para este trabalho, o estudo dos gêneros terror e comédia e do subgênero comédia de terror guiou a escolha dos recursos narrativos utilizados.

3.1 Terror

Definir o gênero terror ou horror no cinema não é uma tarefa fácil. Primeiro porque o que é considerado um elemento assustador para uma cultura, pode não ser para outra. Além disso, as mudanças geracionais que acontecem ao longo dos anos também levam a diferenças na percepção do que é aterrorizante. O que era considerado terror décadas atrás pode já não causar tanto medo, e vice-versa. Outro fator que dificulta a definição do terror nos filmes é as obras da categoria poderem apresentar uma variedade de elementos e subgêneros.

Segundo Laura Cánepa (2008, p. 51), pesquisadora do cinema de terror, três critérios devem ser utilizados ao defini-lo em obras audiovisuais: O primeiro é temático ou estrutural e engloba “filmes que contem histórias nas quais um elemento monstruoso e/ou inexplicável no mundo natural causa perplexidade e medo aos personagens da ficção”; O segundo parâmetro utilizado para reconhecer o horror, de acordo com a autora, é a iconografia. Neste, estão inseridos os filmes com violência explícita, sangue, monstruosidades e escatológicos; O terceiro e último critério é o comercial. Nele cabem “filmes que se assumem inteira ou parcialmente como “de horror”, ligando-se a valores como o medo, o choque causado pelas imagens de violência, o susto, o imponderável ou o sobrenatural como fontes de ameaça”.

Apesar de populares, os filmes de terror são menos assistidos do que outros gêneros. Entre os 20 títulos com maior público nos cinemas brasileiros entre os anos de 2012 e 2021, nenhum deles é de terror ¹. Mesmo assim, ainda que em menor quantidade quando comparado a filmes de aventura e comédia, por exemplo, o gênero do terror atrai público aos cinemas. Contando apenas o ano de 2022, entre os 20 filmes com mais espectadores nos cinemas brasileiros, 3 são de terror².

A história do gênero no cinema começa em 1896, quando o ilusionista e pioneiro da sétima arte, Georges Méliès, produziu o que é considerado hoje o primeiro filme de terror: “Le Manoir du Diable”. Um curta-metragem de 3 minutos, repleto de efeitos especiais inovadores e que acompanha Méphistophélès, um demônio com poderes de metamorfose.

¹ Segundo o “Ranking dos 20 títulos com maior público (2012-2021)” divulgado pela Agência Nacional do Cinema - Ancine - no “Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2021” .

² Segundo o “Ranking dos 20 longas-metragens com maior público em 2022” divulgado pela Agência Nacional do Cinema - Ancine - no informe “Mercado Cinematográfico 2022 - 06 de janeiro de 2022 a 04 de janeiro de 2023” .

Já na década de 1920, o gênero toma ainda mais força com o cinema expressionista alemão. Nasceram obras que influenciaram filmes posteriores, como “O Gabinete do Dr. Caligari” (1920) e “Nosferatu” (1922). Muitos elementos presentes nesses clássicos do terror como o marcante jogo entre luz e sombra continuam servindo como inspiração para novas obras de terror.

Este papel diabólico e misterioso das sombras não terá seu fundamento na angústia mortal do homem ante a obscuridade? O ecrã parece dar vida a todos os mitos milenários da luta do homem contra as trevas e os seus mistérios, à eterna luta entre o bem e o mal. (MARTIN, A Linguagem Cinematográfica, p.75)

As décadas de 1960 e 1970 também foram importantes para o cinema de terror, pois foram marcadas por alguns filmes que desafiaram os limites do gênero e são referência até hoje. “O Exorcista” (1973), por exemplo, chocou os espectadores ao apresentar uma menina possuída girando a cabeça 360°. E “Psicose” (1960), de Alfred Hitchcock, apresentou uma trama repleta de reviravoltas e um terror envolto em suspense e mistério.

No Brasil, é impossível discorrer sobre o gênero e não citar José Mojica Marins, que fez sucesso no país como “Zé do Caixão” a partir de 1964, ano de lançamento da obra “À meia-noite levarei sua alma”. Suas produções, quase sempre com alto grau de violência, foram pioneiras em um estilo de terror explícito banhado em sangue e serviram de inspiração para obras posteriores. (CÁNEPA, 2008)

Hoje, o gênero de terror engloba inúmeros subgêneros, que vão desde o *gore*, apresentando muito sangue e violência extrema, até o terror psicológico, que, segundo Nogueira (2010), “mais assente na sugestão e na tensão do que na exibição gratuita do sofrimento.” Outro subgênero popular do terror, é a sua fusão com a comédia, muitas vezes satirizando premissas e convenções repetitivas.

3.2 Comédia

A comédia caminha com a humanidade há milhares de anos. Na Grécia Antiga, o gênero já era apreciado nos teatros e carregava elementos bem distintos de outro gênero popular da época: a tragédia. Enquanto este trazia seriedade aos palcos com obras elevadas e emotivas, a comédia levava a risada à platéia

mostrando as imperfeições de seus personagens em obras mais racionais. (PINCELLI e AMÉRICO, 2019)

Para Nogueira (2010), a comédia, além de fazer rir, costuma ressaltar as fragilidades do ser humano. Em produções deste gênero, os personagens muitas vezes são ingênuos, egoístas ou desastrados. Características negativas como essas os aproxima do público, que também não é perfeito, e conduz a obra a abordar fragilidades humanas de forma bem humorada.

Mas, assim como o que é aterrorizante muda de acordo com o conceito de cada um, o que é engraçado também é mutável. Segundo Flávio Moreira da Costa (2001), a comédia é individual, cultural e universal:

Individual porque cada um de nós tem o humor que tem ou que merece, e nada se pode fazer a esse respeito - a não ser, em caso de muita falta de humor, algum tipo de terapia, mas isso é outra história. Cultural, no sentido antropológico da palavra, porque o humor resulta de uma infinidade de condicionantes locais, sociais, históricas, raciais, climáticas, etc., de tudo aquilo enfim condensado numa determinada formação coletiva (...) Finalmente, o humor é universal porque rir faz parte do ser humano - sabemos que o homem é o único animal que ri. (A hiena não conta, é claro). (COSTA, 2001, p.13)

No cinema, a comédia é parte integral desde seu início. Das produções silenciosas no final do século XIX aos filmes contemporâneos, o gênero é um dos que mais atrai audiência e conseqüentemente lucro. Prova disso é que entre os 20 filmes brasileiros com maior renda nos cinemas, 14 deles têm a comédia como elemento principal³.

Para uma obra de comédia ser engraçada, são utilizadas estratégias humorísticas que buscam levar os espectadores ao riso. Estas estratégias interagem entre si, e frequentemente precisam de umas às outras para que funcionem corretamente. Neste trabalho, focaremos nas mais pertinentes para o desenvolvimento do filme de curta-metragem “O pão que o Diabo Amassou”.

O primeiro destes recursos, e um dos mais utilizados, é a ironia, que, segundo Picelli e Américo (2019), pode ser dividida em 4 tipos. A ironia oral é quando as palavras são usadas para expressar um sentido contrário. Na ironia dramática, o espectador percebe a disparidade dos fatos, mas o personagem não. A situacional é quando há discrepância entre o que se espera que aconteça e o resultado de fato.

³Segundo a “ Listagem de Filmes Brasileiros com mais de 500.000 Espectadores 1970 a 2021” divulgada pela Agência Nacional do Cinema - Ancine.

E, por fim, existe a ironia cósmica, que destaca a diferença entre a realidade e o desejo humano.

Outra estratégia é o uso de situações absurdas. Neste caso, desafiar a lógica com eventos e personagens incompreensíveis causa divertimento e estranheza aos espectadores (NOGUEIRA, 2010). Este recurso não está relacionado somente à comédia, mas também a outros gêneros que se utilizam do absurdo como ferramenta narrativa.

Mais um recurso utilizado em obras de comédia é a sátira. Esta se utiliza da ironia para, de forma bem humorada, criticar a sociedade, indivíduos ou outras obras. Este alvo, nem sempre é explícito (PICELLI E AMÉRICO, 2019).

3.3 Comédia de terror

À primeira vista, o terror e a comédia são gêneros completamente diferentes. O que nos faz rir não deveria nos dar medo, e vice versa. A comédia está ligada à leveza e abertura. Já o terror costuma trazer consigo um clima pesado e por vezes claustrofóbico. Parece improvável que uma combinação entre os gêneros fizesse algum sentido. (CARROLL, 1999)

Mesmo assim, apesar de antagônicos em muitos pontos, o terror e a comédia fazem dupla no cinema há muito tempo. O próprio curta-metragem “Le Manoir du Diable” (1896), conhecido como o primeiro filme de terror da história, já possuía elementos da comédia. Na obra, o diabólico Méphistophélès confunde e assusta de forma cômica os dois homens que entram na sala onde se passa a história. (HALLENBECK, 2009)

Essa combinação entre os dois gêneros cria a possibilidade de pessoas que não se sentem confortáveis com filmes de terror assistirem a obras com elementos assustadores. Dessa forma, quebrando alguns de seus medos. Um bom exemplo é a esquete “Exorcismo” (2013) produzida pelo grupo de humor Porta dos Fundos. Assistir a uma tentativa falha de exorcismo, pois o demônio atrapalhado está preso entre um sanduíche e um quindim, impossibilitando-o de sair do corpo possuído, torna engraçada uma situação aterrorizante, o que alivia a tensão do espectador.

Segundo Carroll (1999), a comédia de terror tem como uma característica peculiar poder mudar o humor de seu espectador muito rapidamente. Uma obra

desse gênero costuma levar seu público por um passeio entre o medo e a risada diversas vezes durante todo o filme.

Para Robert Bloch (1985), escritor do livro “Psycho” (1959) cuja história foi adaptada para o cinema por Alfred Hitchcock e eternizada como o clássico do terror “Psicose” (1960), a comédia e o terror são os lados opostos de uma mesma moeda. Cada um busca uma reação diferente por parte do público, mas, para isso, ambos se aproveitam do grotesco e do inesperado.⁴

No Brasil, a união desses dois gêneros também esteve presente no cinema. Na primeira metade do século XX, algumas chanchadas misturavam a comédia com elementos sobrenaturais ligados aos filmes de terror, como a obra “O Jovem Tataravô” (1937). Já na segunda metade, outros filmes de comédia também utilizaram a temática do terror para criar narrativas menos usuais, como em “O Jeca contra o Capeta” (1975).

Em meio a essas obras, surgiu um cineasta que se tornou o principal nome da comédia de terror no país: Ivan Cardoso. A mistura entre os dois gêneros era uma característica comum em seus filmes, e seu estilo ficou conhecido como *terrir* (terror+rir). Em suas obras, Ivan explorava símbolos do terror mundial, como o vampiro Nosferatu, múmias e lobisomens, por uma perspectiva brasileira. (CÁNEPA, 2008)

4. PRODUÇÃO DE CURTA-METRAGEM

A produção de um curta-metragem de baixo custo é um desafio que requer planejamento e organização cuidadosos para alcançar um resultado de alta qualidade. O processo de produção envolve diversas etapas que devem ser executadas de forma eficiente e eficaz para atingir os objetivos desejados. Neste sentido, é importante elaborar um orçamento detalhado e realista que contemple todas as necessidades do projeto, como equipamentos, locações, alimentação e transporte, entre outros fatores relevantes.

⁴ Em entrevista presente no livro “Faces Of Fear: Encounters With The Creators of Modern Horror”, publicado em 1985 e escrito por Douglas E. Winter. Página 22

A elaboração do cronograma é outra etapa fundamental para o sucesso da produção de um curta-metragem de baixo custo. Essa etapa envolve a definição de prazos realistas para cada tarefa, a fim de otimizar o tempo e evitar atrasos desnecessários. Além disso, é preciso levar em consideração possíveis imprevistos e estabelecer um calendário claro e compartilhado com toda a equipe.

A formatação do roteiro é outro ponto crítico na produção de um curta-metragem de baixo custo. Um roteiro bem estruturado e claro é fundamental para evitar improvisos e desperdício de tempo e recursos durante a gravação. Dessa forma, é importante considerar as limitações de produção, como a disponibilidade de equipamentos e locações, para elaborar um roteiro coerente e viável.

As locações também são um fator crítico para o sucesso da produção de um curta-metragem de baixo custo. Encontrar locações adequadas ao roteiro e que possam ser utilizadas sem custo adicional é fundamental para reduzir os custos e aumentar a eficiência da produção. Nesse sentido, é possível buscar locações que já tenham sido usadas em outras produções ou negociar a utilização de espaços públicos.

Por fim, a gravação é a etapa final da produção de um curta-metragem de baixo custo. É importante que a equipe esteja preparada e organizada para maximizar o tempo e evitar atrasos desnecessários. Durante a gravação, é importante prestar atenção aos detalhes, como iluminação e som, para garantir a qualidade do produto final. Uma boa dica é ter um diretor de fotografia responsável por garantir que as imagens estejam bem enquadradas e iluminadas.

Em resumo, a produção de um curta-metragem de baixo custo envolve diversas etapas que devem ser cuidadosamente planejadas e executadas. É importante elaborar um orçamento detalhado e realista, um cronograma eficiente, um roteiro bem estruturado e considerar cuidadosamente as locações para reduzir os custos e aumentar a eficiência da produção. Além disso, é preciso contar com uma equipe comprometida e bem preparada para garantir a qualidade do produto final.

5. MEMÓRIA DE PRODUÇÃO

5.1 Roteiro

Ao longo deste curso de graduação fui estimulado a exercitar a criatividade e começar a escrever. O principal incentivo foram as disciplinas “Roteiro, Produção e Direção para Web, Vídeo e Cinema”, ministrada pela professora e cineasta Erika Bauer, e “Argumento e Roteiro”, ministrada pelo professor e roteirista Pablo Gonçalo. O trabalho final de ambas as matérias era a criação de um roteiro para curta-metragem e eu me apaixonei pelo processo. Daí em diante, passei a estudar e praticar esta arte sempre que possível.

A criação do curta-metragem “O Pão que o Diabo Amassou” começou pelo roteiro. Tenho o costume de anotar alguns sonhos que tenho assim que acordo, e uma dessas anotações serviu de base para a narrativa do filme.

Tendo essa base em mãos, ou em papel, a escrita do roteiro fluiu de forma tranquila. Os primeiros rascunhos apresentei ao meu pai, Celso Cavalcanti, que me auxiliou em algumas melhorias narrativas. Em seguida, apresentei o roteiro ao professor Pablo Gonçalo, que também me deu boas sugestões de como melhorá-lo e sugeriu que eu gravasse este filme.

No final de 2021, com o roteiro pronto, fiquei muito empolgado com a ideia de realizar este curta-metragem pois seria o filme mais longo e complexo que teria gravado até o momento. Aproveitando o espaço e a assistência da Universidade de Brasília para a gravação do curta, decidi que o projeto seria meu trabalho de conclusão de curso.

5.1.1 Referências narrativas

Algumas obras serviram como inspiração para elementos utilizados no curta-metragem “O pão que o Diabo Amassou”. Essas referências serviram tanto para a estruturação dos personagens, quanto para os demais direcionamentos que o filme tomou.

A personagem que cria o terror na trama é uma menina demoníaca com a aparência de uma garota de 13 anos. Ela usa um vestido branco e é pálida. A

inspiração para esta personagem veio de dois filmes: “O Exorcista” (1973) e “O Chamado” (2002). Ambas as obras apresentam uma menina similar a que foi proposta no curta-metragem, mas com algumas diferenças entre elas. Em “O Exorcista” acompanhamos a transformação da menina junto com o andamento cronológico. Já em “O Chamado” (2002), a primeira aparição da personagem já é assustadora.

Figura 1 — Inspirações para a menina demoníaca



Fonte: 1. *O Exorcista* (William Friedkin, 1973); 2. *O Chamado* (Gore Verbinski, 2002)

Como o curta-metragem é uma modalidade de filme que tem como característica sua brevidade, a opção por apresentar a menina demoníaca sem justificar sua origem foi necessária. Por um lado isso pode ser negativo, pois deixa a trama mais rasa. Por outro, cria mistério e deixa que o espectador exercite sua própria imaginação para explicar o fenômeno.

Além do exemplo desses dois filmes, a criança sobrenatural é um personagem extremamente comum em filmes de terror, um clichê realmente. Alguns outros exemplos de obras com figuras similares são: “O Iluminado” (1980); “O Sexto Sentido” (1999); e “O Orfanato” (2007).

Figura 2 — Crianças sobrenaturais em filmes de terror



Fonte: 1. *O Iluminado* (Stanley Kubrick, 1980); 2. *O Sexto Sentido* (M. Night Shyamalan, 1999);
3. *O Orfanato* (J.A. Bayona, 2007)

Outro elemento narrativo que busquei inspiração em um clássico do terror foi a narração. Mais especificamente o narrador contando a história para alguém mais velho sentado ao seu lado em um banco. O filme de referência foi “O Gabinete do Dr. Caligari” (1920). Essa narração como relato de um personagem traz dúvida a sua veracidade, e isso pode ser uma característica interessante para um filme de terror.

Figura 3 — Filme O Gabinete do Dr. Caligari



Fonte: 1. *O Gabinete do Dr. Caligari* (Robert Wiene, 1920)

Como o curta “O Pão que o Diabo Amassou” é uma sátira, filmes do gênero não poderiam ficar de fora da lista de influências. Dou destaque a duas obras. A primeira é “Zumbilândia” (2009) por ser uma sátira de filmes de terror, que além de fazer chacota com os elementos genéricos de filmes de zumbi, sabe também explorá-los como ingredientes assustadores quando necessário.

Figura 4 — Filme Zumbilândia



Fonte: 1. *Zumbilândia* (Ruben Fleischer, 2009)

Outra obra que une terror e comédia, e serviu como inspiração para mim foi “O que Fazemos nas Sombras” (2014). Esse filme satiriza o subgênero dos filmes de vampiros por meio de um pseudodocumentário. O resultado final é um produto muito engraçado, mas com elementos do terror muito bem aproveitados, e uma atmosfera sombria.

Essas foram as principais referências que utilizei para a criação do roteiro deste curta-metragem. Gosto de outras obras que unem a comédia e o terror, mas, para essa produção, busquei me inspirar mais em filmes que satirizem o gênero do terror a filmes que satirizem obras específicas.

5.2 Pré-produção

A pré-produção do curta começou mais de um ano após a finalização do roteiro. Nesse meio tempo, as únicas pessoas que já haviam aceitado participar desta jornada foram meu amigo e companheiro de graduação Roberto Jurema, e o professor orientador Sérgio Ribeiro.

Em janeiro de 2023, a pré-produção do filme “O Pão que o Diabo Amassou” teve início pela montagem da equipe que participaria da realização do curta.

5.2.1 Equipe

Por se tratar da produção de um curta-metragem universitário de baixo orçamento, ao montar a equipe sabíamos que não era possível oferecer aos participantes muito além de ajuda com transporte, alimentação e a experiência de participar da realização de um filme. Dessa forma, nosso primeiro ato para formar o time que estaria conosco foi convidar amigos e colegas de universidade que já tinham experiência com a produção de outros curtas.

Para a direção de fotografia, Guilherme Castro, também estudante da Universidade de Brasília e com experiência na área, topou participar da criação do filme conosco.

Como uma das personagens do curta precisaria de uma caracterização mais específica, concordamos que seria necessário maquiá-la com excelência. Para isso, convidamos outra colega de universidade muito talentosa, Mariana Peretti. Já havia visto alguns trabalhos dela, e tinha certeza que nossa personagem ficaria assustadora com sua maquiagem.

Outro membro da equipe foi Josiane Alves. Conheci ela através do casting de atores. Enquanto conversávamos, ela contou que havia terminado recentemente um curso de cenografia e já trabalhara como diretora de arte em outro curta-metragem. Era um grande reforço para nossa equipe.

Mais uma integrante foi a Maria Lorenzetti, responsável pela captação de áudio durante as filmagens. E também a Mariana Cinnanti, que participou como assistente da maquiadora.

5.2.2 Casting

Assim como para a equipe por trás das câmeras, também não poderíamos remunerar financeiramente os atores do curta. Além da experiência e conteúdo para

seus portfólios, concordamos em cobrir os gastos com transporte e alimentação. Por isso, focamos principalmente em captar atores iniciantes.

Conseguir atores que participariam do curta sem remuneração me deixou receoso. Confesso, que imaginei que seria uma tarefa bem trabalhosa. Ainda bem que a realidade me provou errado neste ponto. Brasília é uma cidade com muitos atores que buscam experiência e, dessa forma, não foi difícil encontrar pessoas que gostariam de participar do filme.

Todo o processo de casting aconteceu de forma online entre os dias 8 e 25 de março de 2023. Enviamos em grupos de WhatsApp sobre cinema que buscávamos três atores homens com idade entre 18 e 25 anos e uma atriz mulher com idade entre 18 e 21 anos para a produção de um curta-metragem universitário de terror e comédia. Ao todo entrevistamos 20 atores.

5.2.2.1 *A menina*

Seguindo as referências que serviram como inspiração para a personagem, a menina deveria ter a aparência de uma criança de 13 anos. Como a atuação no curta envolve beber cerveja cenográfica, sabia que seria difícil contar com uma atriz mirim nesta faixa etária. Por isso, minha primeira opção foi perguntar a minha irmã de 14 anos se ela gostaria de interpretar essa personagem. Ela leu o roteiro e topou participar, mas depois de algumas semanas preferiu que eu procurasse outra atriz.

Partimos então para a busca de uma atriz entre 18 e 21 anos que topasse participar do filme. Conhecemos a Laura Valadão, atriz com experiência em outras produções de curta-metragem e que gostou do roteiro. Conversamos por uma vídeo-chamada e ela pareceu muito empolgada com o projeto.

Escolhemos ela e outras duas atrizes para passarem para a próxima fase da seleção. Como essa personagem não tem nenhuma fala durante toda a obra, minha estratégia para testá-las foi pedir que interpretassem em um vídeo curto o trecho do filme “O Chamado” (2002) em que a personagem Samara sai da televisão.

Figura 5 — Cena de inspiração para teste das atrizes



Fonte: 1. *O Chamado* (Gore Verbinski, 2002)

Gostei do vídeo das três, mas a Laura se destacou e por isso foi a selecionada para participar do curta.

5.2.2.2 *Os meninos*

A seleção dos atores homens foi muito similar à da atriz. Anunciamos a busca por atores entre 18 e 25 anos, recebemos por WhatsApp uma mensagem de quem gostaria de participar e conversamos com todos por vídeo-chamada. Para cada personagem, selecionamos dois atores para passarem de fase. Essa próxima etapa consistia em gravar um vídeo interpretando seu personagem em um trecho do curta.

Para o personagem “Matoba”, escolhemos um trecho entre as páginas 10 e 12, da fala “Pãozinho tava seco.” até “Para. Por favor.”. Uma característica importante deste personagem é que ele é o narrador da história, por isso, uma boa dicção precisava ser uma das virtudes do ator. Maurício Drummond se destacou e ficou com este papel.

O trecho escolhido para o personagem “Marquinho” foi entre as páginas 4 e 6, a partir de “Não sei. Não tinha visto ela.” até “Porra... mais um laricado.”. O ator Fernando Pascoa se sobressaiu aos demais e foi escolhido para interpretá-lo.

Por fim, para o personagem “Zé” o trecho está nas páginas 8 e 9, a partir de quando os amigos ficam sérios e a menina pega o pão até quando “Zé” levanta para pegar a pasta de alho. A atuação de Romário Gonçalves se destacou e ele foi selecionado.

5.2.2.3 Os personagens secundários

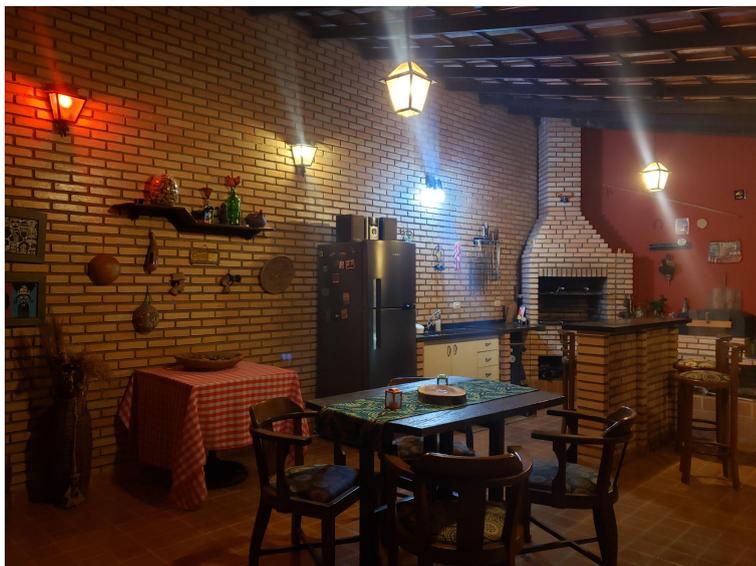
O filme conta também com a pequena participação de dois personagens secundários: a mãe e o idoso. Como estes personagens têm pouco tempo de tela e a interpretação dos mesmos não era complexa, julgamos que não seria necessária uma seleção muito rigorosa para os atores que os interpretariam.

Desta forma, o papel da “mãe” ficou com a minha própria mãe, Mara Melo. Ela nunca havia atuado em um curta-metragem, mas estava empolgada com a experiência. O “idoso” foi interpretado pelo ator Luís Alberto, que ficou sabendo da seleção para o curta-metragem através de um grupo que divulgava oportunidades para atores.

5.2.3 Locações

Como já dito anteriormente, o curta surgiu de um sonho que tive. Esse sonho se passou na área externa da minha casa, então toda a ação prevista no roteiro encaixava perfeitamente com o espaço que tínhamos ali. Sendo assim, a primeira e principal locação já estava decidida e não custaria à produção nenhum centavo com aluguel.

Figura 6 — Principal locação



Fonte: elaboração própria

A segunda locação presente no filme deveria representar o Além, um lugar para onde as almas de pessoas falecidas vão. Escolher como este lugar seria foi um desafio. Pedindo a opinião de amigos e familiares sobre como deveria ser este local, recebi respostas diferentes de cada um. A princípio, decidimos por um lugar bem arborizado e iluminado. Mas, infelizmente, nenhuma locação que visitamos me passou a atmosfera que eu gostaria. Por tanto, a estratégia escolhida foi alterar completamente a estética do ambiente.

Utilizamos como referência o “Céu” que aparece em algumas esquetes do grupo de humor Porta dos Fundos. O local seria todo branco e muito bem iluminado. Essa mudança facilitou a produção, já que um colega possuía um tecido branco para fundo infinito e emprestaria sem cobrar nada.

5.2.4 Figurinos

Por se tratar da produção de um curta-metragem que satiriza filmes do gênero terror, a inspiração para os figurinos veio de outras obras. A principal e mais complexa caracterização foi a da menina demoníaca, pois envolvia um vestido branco muito característico, lentes de contato coloridas e uma maquiagem bem trabalhada.

O vestido que tínhamos como referência é o utilizado pela personagem Samara em “O Chamado” (2002). Mas, apesar de comum em filmes de terror, não é tão fácil encontrar um vestido similar em lojas de roupas brasileiras. Como a oferta do produto era baixa e preferíamos comprar fisicamente a comprar online, optamos por uma das poucas peças que encaixava no modelo pretendido. O produto custou R\$79,90.

Figura 8 — Atriz provando o vestido



Fonte: elaboração própria

Para complementar a caracterização aterrorizante da personagem, optamos por comprar também um par de lentes de contato coloridas e uma prótese dentária. As lentes fizeram toda a diferença para que o visual da atriz ficasse ainda mais sobrenatural. Entretanto, a prótese dentária, apesar de assustadora, acabou dando um aspecto mais engraçado do que gostaríamos à personagem, por isso optamos por não usá-la. O valor das lentes de contato foi R\$94,10 e da prótese dentária foi R\$173,00.

A maquiagem utilizada pela atriz foi feita utilizando base branca e sombra. Além disso, tinta preta comestível foi colocada nos dentes da atriz para dar um aspecto mais mórbido a ela.

Quanto ao cabelo, optamos por um penteado maria-chiquinha para dar um ar mais infantil à atriz. Também testamos a aparência da atriz com o cabelo solto e com trança. O teste da maquiagem e cabelo aconteceu no dia primeiro de maio de 2023.

Figura 9 — Teste de maquiagem e cabelo



Fonte: elaboração própria

O figurino dos meninos foi mais simples. O objetivo da caracterização deles era passar a mensagem de que estavam à vontade naquele ambiente e não em uma ocasião especial. Para facilitar a diferenciação entre os personagens, cada um usou uma camiseta de cor diferente. Demos atenção especial para a camisa do “Marquinho”, pois, como ele se sujaria de sangue cinematográfico, optamos por uma cor clara que destacasse esse efeito.

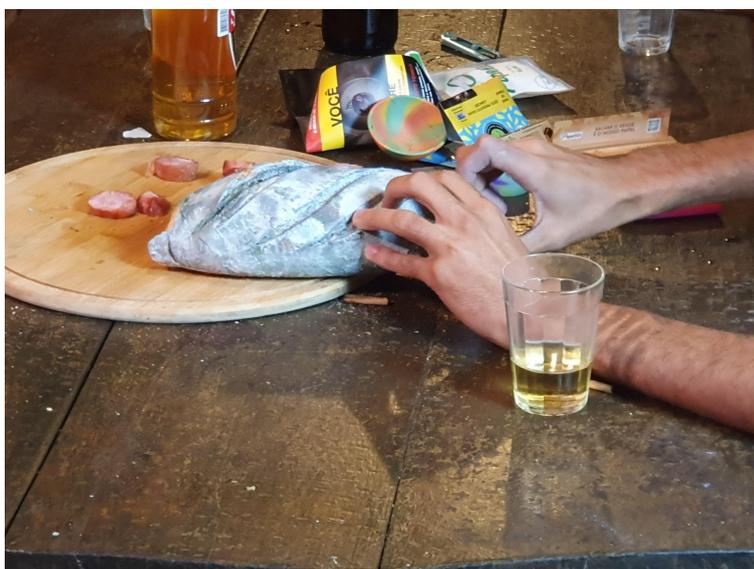
A montagem do figurino dos personagens secundários também foi muito simples. A atriz que interpretou a mãe usou roupas e maquiagem próprias que indicassem que ela se preparou para encontrar o namorado. Por último, o figurino do idoso e de “Matoba” na cena final. Os dois vestem camisa e calça brancas e estão descalços.

5.2.5 Objetos de Cena

Para a produção do curta, precisamos dar atenção especial a alguns objetos que compuseram cenas. Parte deles precisaram de intervenções das maquiadoras e do diretor para que encaixassem no filme, e outros não.

Segundo o roteiro, o pão que a menina coloca sobre a mesa tem aspecto mofado e, mais adiante, dois dos amigos comem o alimento. Dessa forma, optamos por ter dois pães, um comestível e outro apenas cenográfico. O pão cenográfico foi maquiado primeiramente apenas com corantes alimentícios, entretanto, o resultado não agradou. Optamos então por maquiá-lo também com outras maquiagens que impossibilitaram alguém come-lo. O resultado foi um pão com manchas verdes, azuis e brancas, e com aparência bem nojenta. O outro pão precisaria ser comestível, por isso optamos por não o maquiarmos. Como ele aparece em cena fatiado, e tem pouco tempo de tela, julgamos que a coloração diferente não seria um grande problema para o resultado final.

Figura 10 — Foto do pão



Fonte: elaboração própria

Em praticamente todas as cenas há ao menos uma garrafa de cerveja. Para compor o cenário usamos garrafas de duas marcas diferentes para dar contraste, e mantemos sempre os rótulos virados para trás, onde não seria possível visualizá-los. Para simular cachaça, colocamos chá em uma garrafa vazia.

Outro objeto que merece destaque é o espeto de churrasco que atravessa o personagem Marquinho. Para fixá-lo em sua barriga, utilizamos um espeto cortado ao meio e colado a um cinto.

Figura 11 — Espeto colado no cinto



Fonte: elaboração própria

Como o filme se passa em um churrasco, não poderia faltar carne. Cogitamos, primeiramente, comprar algum pedaço de carne bovina, mas, me lembrando como eram os churrasco que fazia com meus amigos no começo da vida adulta, a carne nunca era a prioridade. O pouco dinheiro investido ia para cerveja, e a pouca carne era apenas um “extra” para o churrasco. Conversando com a diretora de arte, decidimos que isso era algo engraçado e que poderia enriquecer a história do curta. Optamos então por comprar apenas algumas linguças suínas.

Por último, para simular cigarros de maconha, utilizamos tabaco para os atores que gostavam. Já para os que não gostavam de fumar, enrolamos alguns cigarros de erva-doce.

5.2.6 Ensaio

Os atores fizeram apenas um ensaio presencial e coletivo no dia 12 de abril de 2023 e que aconteceu na locação do curta. Esta foi a primeira vez que todos os atores se conheceram. A entrega deles logo nos primeiros momentos mostrou que estavam todos dispostos a fazer um trabalho bem feito para alcançarmos um bom resultado.

Passamos o texto sentados uma vez e conversamos sobre algumas sugestões de mudança no roteiro. Este foi um momento muito positivo pois quando se verbaliza um roteiro é possível ver que algumas falas e ações podem ser mais naturais.

Em seguida, fizemos três ensaios com movimento. Essa foi uma oportunidade para testar a dinâmica de locomoção dos personagens durante as cenas. Aconteceram muitas pausas para debater como poderíamos melhorar a agilidade e o posicionamento dos atores. Foi outra oportunidade de fazermos pequenos ajustes no roteiro. Quando todos já estavam confortáveis com suas falas e movimentos. Ensaíamos novamente, mas dessa vez sem pausas para conversar. O resultado nos agradou muito e finalizamos o ensaio.

Figura 12 — Ensaio



Fonte: elaboração própria

5.3 Produção

Para nós, a produção do curta-metragem “O Pão que o Diabo Amassou” era a etapa mais intimidadora do projeto. As filmagens aconteceram em dois dias e nos expuseram as dificuldades esperadas para um filme de baixo orçamento, mas também outras inesperadas. Junto às adversidades também vieram acertos e ensinamentos que servem para futuras produções. As origens desses obstáculos e quais soluções foram tomadas para superá-los são relatadas nos próximos subcapítulos.

5.3.1 Equipamentos

Podemos dividir os equipamentos utilizados para a produção do curta em três grupos: vídeo, áudio e iluminação.

No grupo de vídeo, incluímos câmeras, lentes e monitores. Para a fotografia, foi necessário avaliar o ambiente, as cenas que iríamos gravar, a luz e a distância. Dessa forma, chegamos a um conjunto de câmera e lente que atendessem às nossas necessidades e entregassem a qualidade desejada para a imagem do filme. Optamos por trabalhar com a Sony a6400, uma câmera que nos permitiu gravar em full HD com ótima qualidade de imagem. Além disso, escolhemos a lente Sony Fe 24-70mm F/2.8 Gm, que nos proporcionou versatilidade para trabalhar com diferentes planos. Essa lente também captava uma boa quantidade de luz, o que era essencial para um curta gravado à noite.

O áudio desempenha um papel crucial em qualquer produção audiovisual. Para garantir a qualidade do áudio do curta, trabalhamos com redundância e gravamos em duas fontes: o gravador Zoom H4N Pro e a própria câmera Sony a6400. Utilizamos dois microfones diferentes para captura: um microfone unidirecional Sennheiser K6 conectado ao gravador e um microfone de lapela sem fio Hollyland Lark 150 acoplado à câmera. Essa abordagem nos permitiu escolher o melhor resultado na pós-produção.

A iluminação é fundamental na produção de um curta-metragem, pois contribui para criar atmosfera, estabelecer clima e transmitir emoções aos espectadores. Utilizamos um painel de LED Sokani XXX como luz principal, pois

esse equipamento oferece diversas configurações de temperatura e potência de luz, proporcionando a versatilidade que buscamos. Como luzes secundárias, utilizamos um kit com 2 SoftBox da Greika, que ofereceu uma iluminação difusa e natural, trazendo veracidade à obra. Além disso, adicionamos uma lâmpada comum de cor vermelha em uma das cenas para marcar a passagem de momento e a mudança de clima e atmosfera.

5.3.2 Alimentação nos sets

A alimentação é muito importante para garantir que todos consigam realizar o trabalho da melhor forma, com objetivo de evitar qualquer condição de mal estar das pessoas da equipe.

A comida dos dias de gravação do curta-metragem foi pensada de forma garantir um processo mais célere no set de filmagem. Além disso, consideramos as restrições alimentares dos colaboradores. Na equipe, um dos atores é vegano e a diretora de arte é vegetariana. Assim, havia sempre frutas disponíveis durante a filmagem, com uma variedade considerável entre ameixa, banana, uvas e maçãs. De doce, colocamos biscoitos recheados como Passatempo e Negresco.

Na tentativa de ter uma comida um pouco melhor, mas ainda mantendo um ambiente informal e rápido, oferecemos fornadas de pão de queijo e batata frita (air fryer) para toda a equipe. Água, chá Matte Leão, refrigerante zero e suco estavam disponíveis durante todo o período de gravação.

Por fim, o roteiro do projeto consistia em uma cena em que os amigos estavam reunidos para um churrasco. Dessa forma, linguiça e pão de alho foram assados para a filmagem e que, posteriormente, foram consumidos pelos colaboradores.

5.3.3 Fotografia e iluminação

Inicialmente, fizemos uma análise minuciosa do roteiro para planejar cuidadosamente cada cena do curta-metragem. Levamos em consideração as sensações que desejávamos transmitir ao público, buscando reproduzi-las da

melhor forma possível na tela. Exploramos a estética do terror na fotografia, permitindo-nos utilizar ângulos de câmera mais inusitados, com o objetivo de criar uma atmosfera de medo e desespero para o público. Para garantir uma reprodução mais próxima da realidade, antes de cada tomada, realizamos análises detalhadas das angulações e iluminação do ambiente, levando em conta a presença dos atores, na tentativa de antecipar o resultado final do curta-metragem.

Conscientes da importância da iluminação em qualquer produção audiovisual, escolhemos trabalhar com técnicas de iluminação que nos permitiram alcançar o nível ideal de luminosidade para um filme de terror. Esse gênero narrativo demanda cuidado extremo quando se trata da iluminação das cenas. Embora um ambiente escuro possa ser esteticamente adequado, é essencial que a iluminação permita ao espectador identificar claramente o que está acontecendo na tela. Com base nisso, selecionamos equipamentos de luz capazes de modular a intensidade e a temperatura do ambiente. Além disso, utilizamos a técnica de iluminação de três pontos, incorporando duas softbox comuns como luzes de apoio, desempenhando as funções de luz de preenchimento e luz de contraste.

Figura 13 — Disposição das luzes



Fonte: elaboração própria

Na construção do curta-metragem, o roteiro previa dois momentos principais: o momento anterior à aparição da entidade sobrenatural e o momento posterior. Era necessário transmitir dois climas distintos e, logicamente, criar uma transição entre as duas atmosferas. Portanto, fizemos escolhas cuidadosas para criar o ambiente adequado em cada momento.

Além disso, na cena do banheiro, utilizamos uma luz vermelha. Como o projeto se trata de uma comédia de terror com referências de outros filmes, buscamos essa cor de luz no filme clássico do terror “Suspiria” (1977). Na obra, o vermelho ressalta o pânico do thriller, intensificando ainda mais a tensão e o suspense da narrativa. No curta-metragem que produzimos, essa mudança de iluminação tornou a atmosfera da cena mais sobrenatural.

5.3.4 Primeiro dia de gravação

No dia 17 de maio de 2023, uma quarta-feira, começamos as gravações. As filmagens ocorreram das 17 horas até meia-noite.

O transporte da equipe e dos atores foi diferente no início e no final do dia. Alguns foram e voltaram do local de gravação em seus próprios carros. Para os que isso não era uma possibilidade, combinamos de nos encontrar às 16 horas na Rodoviária do Plano Piloto de Brasília. Ao final do dia, como estava muito tarde, optamos por chamar um Uber para quem precisava e o pagamos.

A maquiagem demorou cerca de uma hora para ficar pronta, mas isso não atrasou o início das gravações. A menina demoníaca aparece a partir da página três do roteiro, e os atores homens não precisavam de nenhuma caracterização demorada. Por isso, já conseguimos começar a gravar antes mesmo de terminar de maquiá-la.

Figura 14 — Maquiagem 1º dia de gravação



Fonte: elaboração própria

Enquanto os últimos ajustes nas luzes e microfones eram feitos pelo produtor e pelo diretor de fotografia, aproveitamos para repassar as primeiras cenas com os atores. Acertamos qual humor cada um deveria passar neste começo e todos pareceram compreender bem seu papel.

Apesar disso, quando batemos a claquete e rodamos a primeira cena percebemos que os atores ainda não estavam em sintonia, e pareciam um pouco travados. Conversamos sobre isso, e, com alguns ajustes, completamos essa primeira cena. Com o passar do tempo os atores foram ficando mais à vontade e suas performances saindo mais naturalmente.

Figura 15 — Primeira cena

Fonte: elaboração própria

Cogitamos deixar para gravar a cena do banheiro por último, para não precisarmos mover as luzes de lugar. Mas, como o banheiro é tão próximo da churrasqueira, esse tempo perdido seria mínimo. Gastamos cerca de 30 minutos com essa mudança. Além disso, para relaxar mais os atores e dar mais dinâmica à equipe naquele momento, julgamos que uma mudança de ambiente faria bem a todos.

Figura 16 — Cena do banheiro

Fonte: elaboração própria

Por o filme se passar em apenas uma locação até a curta cena final, as gravações ocorreram seguindo a ordem dos acontecimentos do roteiro. Dessa forma, neste primeiro dia gravamos desde a página 1 até a metade da página 6, quando os meninos decidem se sentar junto à menina.

Ao final do dia, refletimos o que deu certo e o que poderia ser feito melhor na gravação seguinte. Não apenas foi a primeira vivência como diretor e produtor em um curta de ficção para nós, mas também foi a primeira experiência em um set de filme de terror (mesmo que misturado à comédia) para toda a equipe.

De ponto positivo destacamos principalmente o interesse e vontade de todos envolvidos em fazer o projeto dar certo. Durante o primeiro dia de gravação, foi comum os atores darem sugestões de ajustes uns aos outros para que o trabalho corresse da melhor forma possível. Como diretor com pouca experiência, isso foi de grande ajuda para mim.

Importante também destacar a atuação da atriz Laura Valadão como a menina demoníaca. Ao aceitar o papel, ela afirmou que seria um desafio, pois nunca havia interpretado uma personagem sobrenatural e, junto a isso, a deste curta não possuía uma única fala. Sua atuação precisava ser muito física. Mesmo assim, a atriz incorporou muito bem a personagem, interpretando-a muito bem. Já havíamos visto outros trabalhos dela, por isso seu talento não foi uma surpresa, mas com certeza foi empolgante para toda a equipe, contagiando inclusive a atuação dos outros atores.

Por último, este primeiro dia de gravação mostrou para nós, Luan e Roberto, que nosso trabalho sairia do papel. O trabalho não estava finalizado, mas nos deixou convictos de que era possível sim realizar o projeto com poucos recursos financeiros e humanos.

Figura 17 — Atores

Fonte: elaboração própria

Mas nem só de acertos foi o primeiro dia. Em um próximo subcapítulo abordaremos dificuldades gerais que encontramos e erros que cometemos ao longo da produção do projeto, mas já destacamos agora alguns desta noite de gravação. A maior parte teve como causa a nossa pouca experiência em produções do formato.

O primeiro deles foi gravarmos poucos takes e ângulos das cenas do primeiro dia. Como o projeto foi gravado à noite, e todos da equipe tinham outros trabalhos ou estudos antes das filmagens, passadas algumas horas de gravação era perceptível o cansaço da equipe. Entendendo isso, optamos por agilizar as gravações. Quando um take parecia ter sido correto, não o repetimos. Ao final do dia, revendo algumas das filmagens, percebemos que isso foi um erro e deveria ser corrigido no dia seguinte.

Como já dito anteriormente, outro problema encontrado nesse dia foi perceber que alguns dos atores não estavam muito à vontade. Isso foi melhorando com o passar das horas, mas, por falta de tempo, não regravamos as primeiras cenas, onde essa questão é mais perceptível.

Por fim, um último problema que gostaríamos de destacar foi com os efeitos que criariam uma atmosfera sobrenatural na cena do banheiro. Um deles é a fumaça gelada que sairia da boca do personagem Matoba. Em testes que realizamos dias antes da gravação, conseguimos o efeito esperado utilizando um cigarro eletrônico, mas, no dia da gravação, esse efeito não ficou bonito. O segundo efeito que deu

errado foi o pelo do braço do personagem que deveria arrepiar. Até conseguimos arrepiar os pelos utilizando eletricidade estática de um balão, mas, na câmera, esse efeito não ficou legal.

Em conclusão, o primeiro dia de gravação foi empolgante. Trouxe aprendizados a todos da equipe e mostrou pontos que deveriam ser corrigidos para o dia seguinte e também para projetos futuros.

5.3.5 Segundo dia de gravação

O segundo dia de gravação aconteceu na sequência do primeiro, em uma quinta-feira. O horário de encontro previsto era o mesmo, às 17 horas, mas a maquiagem da menina demorou cerca de uma hora para ficar pronta e, por tanto, o início das gravações demorou um pouco para começar. Dessa forma, as filmagens terminaram apenas uma hora da manhã do dia seguinte. O objetivo neste dia era filmar todas as outras cenas que se passavam na locação da churrasqueira, e isso foi atingido.

O transporte da equipe aconteceu da mesma forma que o primeiro dia, carona e Uber. Todos saíram bem cansados, mas com a sensação de dever cumprido. Essa parte do projeto estava feita, e a equipe se mostrou ansiosa para assistir o resultado do trabalho.

Figura 18 — Intervalo entre cenas



Fonte: elaboração própria

Algumas mudanças tornaram as gravações do segundo dia melhores que no anterior. Diferente do primeiro dia, os atores pareciam muito mais à vontade, e rapidamente estavam em sintonia para as filmagens. Mais tarde, assistindo o material gravado, a diferença de descontração dos atores quando comparados os dois dias é bem perceptível.

Outra mudança positiva aconteceu por parte do diretor e do diretor de fotografia. Apesar de desde o início já estarmos seguindo uma ideia de quais planos queríamos filmar, neste segundo dia fomos mais ousados, e o resultado foi planos mais bonitos. Assim como a mudança comportamental dos atores, essa mudança também é perceptível no resultado final do projeto.

Figura 19 — Ajustes finais para cena à mesa



Fonte: elaboração própria

Apesar de, por um lado, esses avanços mostrarem que as gravações do primeiro dia poderiam ter sido melhores, e, por tanto, o resultado final também poderia ser superior, por outro, mostra que houve evolução. O objetivo primordial de todo este trabalho é entender como se dá a produção de um curta-metragem de

baixo orçamento. Incluir mudanças que trazem solução a problemas previamente encontrados coincide exatamente à proposta do projeto, e, por tanto, é algo positivo.

Mas apesar de evoluirmos de um dia para o outro, nessa noite também passamos por alguns imprevistos. O primeiro deles foi perder o monitor ligado à câmera, que parou de funcionar sem uma causa clara. Este aparelho facilitava muito a visualização das filmagens, e foi uma ferramenta que fez falta no segundo dia de gravação.

E assim como no primeiro dia, nesse também vimos um efeito dar errado. Durante a pré-produção, encontramos pela internet uma forma de simular o espeto de churrasco perfurando uma pessoa usando um pedaço de papelão. Segundo esse método, bastava vestir o papelão com uma camisa igual a do ator e filmar um close do espeto os perfurando. No tutorial isso pareceu muito bom, mas quando executamos essa técnica durante a gravação do curta, o efeito ficou completamente tosco. Tentamos mais duas vezes, mas a cada investida o efeito parecia cada vez pior. Desistimos dele.

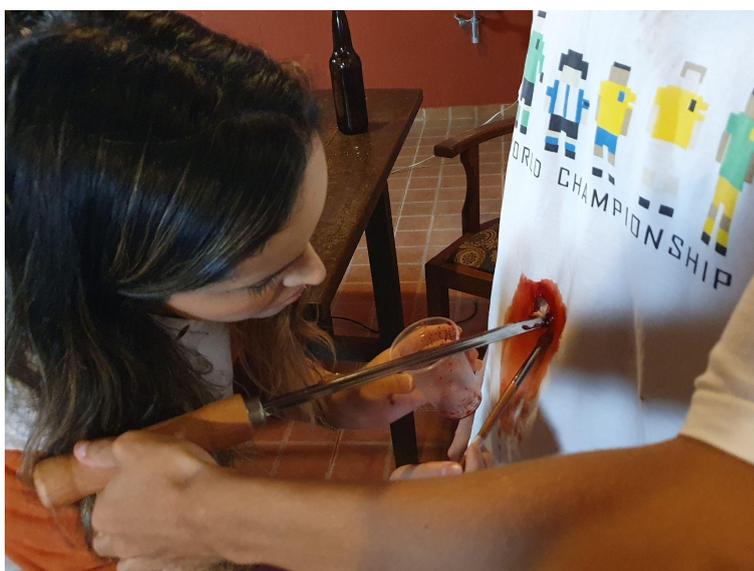
Figura 20 — Efeito do papelão que deu errado



Fonte: elaboração própria

Sem esse efeito, a solução foi utilizar a movimentação da câmera e cortes entre planos para que a perfuração do espeto ficasse o mais natural possível. Não era o melhor dos mundos, mas naquele momento, com todos cansados, era o melhor que poderíamos realizar. Vestimos o cinto com espeto no ator que interpretava o personagem Marquinho, e a maquiadora, Mariana, aplicou sangue falso em sua camiseta. Para o que tínhamos, o resultado agradou.

Figura 21 — Maquiando perfuração do espeto



Fonte: elaboração própria

Ao final das gravações, todos estavam exaustos. Mas, assim como no primeiro dia, com a sensação de dever cumprido. Apesar das dificuldades e problemas encontrados, a produção deste curta-metragem trouxe ensinamentos para todos, e, por tanto, foi uma experiência proveitosa.

5.3.6 Dificuldades

Em suma, a etapa de produção mostrou que é possível sim realizar um curta-metragem com poucos recursos, desde que se atente e saiba superar dificuldades. Alguns desses obstáculos já são esperados em uma produção de baixo orçamento, e outros surgem durante a realização do filme.

Em nossa experiência, a maioria das dificuldades que surgiram tiveram origem no baixo orçamento disponível para o projeto. De certa forma, isso acaba se tornando uma bola de neve que afeta todas as áreas do desenvolvimento da obra.

Por não ter condição de remunerar financeiramente os atores e o resto da equipe, não podíamos contar com a exclusividade deles para os dias de gravação. Todos tinham seus afazeres, seja outro trabalho ou faculdade. Junto a isso, as gravações aconteciam à noite, o que contribuía ainda mais para a fadiga da equipe. Ao final das noites de gravação, era nítido que muitos já estavam exaustos e só queriam terminar cada cena o mais rápido possível. Isso deixa a produção do curta em um impasse, por um lado sente-se que em mais alguns takes e ajustes gravaríamos a cena com excelência, por outro, se repetirmos demais a mesma cena a motivação dos atores diminui e o cansaço aumenta.

Outra dificuldade que encontramos foram os poucos dias que tínhamos para gravar o curta. Foram 6 páginas do roteiro por dia, e, por vezes, a corrida contra o relógio atrapalhou. Mais um ou dois dias de gravação teriam feito muito bem para o resultado final do filme, mas o custo disso superaria o orçamento que tínhamos. Apesar de não termos custos com locação, entre equipamentos, alimentação e transporte, cada diária custou cerca de 400 reais.

Outra dificuldade que não pode deixar de ser mencionada é a falta de experiência que nós tínhamos como diretor e produtor de filmes de ficção. Essa inexperiência eventualmente se traduzia em escolhas erradas de planos, e como já dito anteriormente, problemas com tempo.

Mas apesar de todas essas dificuldades, a experiência da produção do curta-metragem “O Pão que o Diabo Amassou” foi positiva. As adversidades foram superadas, e a busca por essas soluções trouxe ensinamentos que seguirão conosco e com o resto da equipe para o resto de nossas carreiras.

Figura 22 — Equipe

Fonte: elaboração própria

5.4 Pós-produção

A edição do filme começou cerca de uma semana depois do final das gravações. Para essa etapa, foram utilizados três softwares da Adobe: Premiere Pro; After Effects; e Audition. Esse período foi o mais tranquilo da realização do curta por estarmos confiantes de que, apesar das dificuldades, o material filmado seguiu o planejamento.

5.4.1 Imagem

Todo o processo demorou um pouco mais de um mês para ser concluído, e começou pela seleção dos melhores takes de cada cena e a verificação de que nada ficou para trás durante as gravações. Nesse momento, sentimos falta de ter filmado mais takes para cada cena. Ao rever algumas vezes o que foi rodado, temos outra percepção do material e percebemos detalhes que poderiam ser melhorados. Mas, como já dito, devido ao curto orçamento do projeto, acrescentar mais um dia de gravação era inviável.

A saída para esse obstáculo foi, por vezes, selecionar pedaços de takes diferentes, mas de mesmo plano e montá-los como uma sequência única, como um

quebra-cabeça. A transição para planos de close nos atores e objetos de cena ajudaram a suavizar os cortes e dar mais fluidez à composição. Essa foi a fase de montagem do curta-metragem.

Após essa etapa, passamos para a correção de cor. Apesar de ter sido filmado com apenas uma câmera e lente, pequenas diferenças na luz e consequentemente nas cores quebravam a continuidade da composição. Ajustar esse detalhe é imprescindível para um resultado final agradável ao espectador. Feito isso, ajustamos características da imagem que a façam entregar a estética mais sombria que buscamos em um processo chamado de gradação.

Finalizados os ajustes à imagem, passamos nossa atenção a outra dimensão: o som.

5.4.2 Som

Como já dito anteriormente, durante as gravações o áudio foi captado por dois meios: um microfone de lapela, que estava escondido em cena sempre próximo aos atores, e um microfone unidirecional preso a uma vara boom. Ter essas duas opções de áudio trouxe segurança durante e após as filmagens.

Para as primeiras três cenas do curta, o principal áudio utilizado foi o captado pelo microfone unidirecional. Já para as cenas seguintes do filme, utilizamos o captado pelo microfone de lapela próximo aos atores. Em nossa experiência, alternar trechos capturados por microfones diferentes em uma mesma cena não trouxe um resultado agradável, por isso priorizamos um de cada vez.

Sincronizamos os áudios com o vídeo, e em seguida passamos à limpeza de ruídos. Apesar de termos equipamentos de qualidade em mãos, ambos os microfones captaram um pouco de sujeira no fundo que precisava ser minimizada. Este problema foi maior com a lapela, mas nada muito grave.

Com o áudio dos microfones limpo, sentimos que era o momento de escolher as trilhas sonoras que ajudariam a compor a atmosfera do curta. Para nossa felicidade, existem diversos artistas que produzem músicas para filmes independentes e as disponibilizam online sem direitos autorais ou qualquer restrição de uso. Muitas plataformas possuem bibliotecas de trilhas sonoras sem royalties, inclusive o Youtube.

Dividimos nossa trilha em três grupos. O primeiro deveria transmitir ao espectador descontração, e foi utilizado no começo do curta antes dos rapazes encontrarem a menina assustadora. Uma diferença das músicas deste grupo para as demais é que estas são diegéticas, ou seja, estão realmente na cena e são o que os personagens estão ouvindo naquele momento.

O segundo grupo é de trilhas de suspense, que foram utilizadas para ajudar a criar tensão nas cenas em que foram aplicadas. Neste caso, o que o espectador ouve não condiz com o que os personagens estão ouvindo.

O terceiro e último grupo buscava transmitir um sentimento mais específico ao espectador e também era não diegética. Utilizamos trilhas que nos despertaram mistério, mas que também tinham um toque infantil e de comédia. Essas foram aproveitadas nas cenas em que a menina está bebendo.

Outro campo presente na parte sonográfica do filme foram os efeitos. Assim como as trilhas sonoras, alguns destes diegéticos outros não. Aplicamos o som de carvão estalando quando a câmera estava próxima a churrasqueira, alguns impactos, e outros efeitos que ajudariam o espectador a ser conduzido pelos sentimentos que a curta os deve proporcionar.

5.4.3 Custo total do projeto

Gastos				
Tipo	Nome	Valor Unt	Quantidade	Total
EQUIPAMENTOS	Lente Sony	R\$ 200,00	2	R\$ 400,00
EQUIPAMENTOS	Monitor	R\$ 50,00	2	R\$ 100,00
EQUIPAMENTOS	Fita crepe	R\$ 18,90	1	R\$ 18,90
EQUIPAMENTOS	Roteiros	R\$ 23,40	1	R\$ 23,40
CENOGRAFIA	Meia-calça	R\$ 18,00	1	R\$ 18,00
CENOGRAFIA	Espetos	R\$ 14,63	2	R\$ 29,26
CENOGRAFIA	Glucose	R\$ 13,59	1	R\$ 13,59
CENOGRAFIA	Corantes	R\$ 5,00	3	R\$ 15,00
CENOGRAFIA	Vestido	R\$ 79,90	1	R\$ 79,90
CENOGRAFIA	Dentadura	R\$ 173,00	1	R\$ 173,00
CENOGRAFIA	Lentes de contato	R\$ 94,10	1	R\$ 94,10

CENOGRAFIA	Sangue falso preto	R\$ 20,00	1	R\$ 20,00
TRANSPORTE	Uber	R\$ 54,91	1	R\$ 54,91
TRANSPORTE	Uber	R\$ 59,95	1	R\$ 59,95
TRANSPORTE	Uber	R\$ 64,90	1	R\$ 64,90
MERCADO*	Ensaio	R\$ 80,83	1	R\$ 80,83
MERCADO*	Dia 1	R\$ 131,39	1	R\$ 131,39
MERCADO*	Dia 2	R\$ 167,61	1	R\$ 167,61
TOTAL				R\$ 1544,74

*Mercado: envolve todas as comidas e bebidas, inclusive as cenográficas como linguiça, cerveja e os pães.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir um curta-metragem é um desafio. E quando o filme é produzido com baixo orçamento, esses desafios se multiplicam. A criatividade então precisa tomar o lugar do dinheiro na hora de solucionar problemas. Para isso dar certo, é imprescindível contar com uma equipe engajada e interessada em ver o sucesso do projeto.

Visando viabilizar a realização do filme, algumas ideias precisam ser descartadas ou adaptadas. Em um primeiro momento, isso pode ser desmotivante, mas ao seguir com a produção, novas ideias, mais factíveis, tomam seu lugar. A inspiração para essas adaptações pode vir, inclusive, de dentro da própria produção do curta por meio de sugestões da equipe.

Nessa perspectiva, o ambiente universitário combina muito com a experimentação. O objetivo do projeto se torna não apenas produzir, mas aprender produzindo. E os ensinamentos proporcionados pela realização do curta-metragem “O Pão que o Diabo Amassou” devem seguir não apenas com nós, Luan e Roberto, mas também com toda a equipe.

Junto a isso, os próprios gêneros escolhidos para o trabalho propiciaram esse fomento às descobertas. O terror e a comédia, por mais diferentes que pareçam, têm suas semelhanças, e uma delas é a busca pelo inesperado. Essa característica

mútua abriu a possibilidade de explorarmos as diferentes nuances de cada gênero com liberdade.

Mas para que todo esse esforço leve a um bom resultado, é preciso que venha acompanhado de muito planejamento. Criar prazos para atividades importantes, uma tabela que ajude a visualizar a alocação dos recursos disponíveis e dividir responsabilidades entre os membros da equipe são tarefas obrigatórias para que a produção do curta seja organizada.

Em suma, apesar das dificuldades enfrentadas, consideramos que a produção do filme “O Pão que o Diabo Amassou” foi um sucesso. Cometemos erros e acertos que podem ser melhorados em um próximo projeto. Mas, sobretudo, aprendemos como é a produção de um curta-metragem de baixo orçamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **Film art: an introduction**. New York: McGraw-Hill, 2006.
- BRITO, T. C. A. **Cinema de curta-metragem: conceito, história e linguagem**. In: CÁNEPA, Laura Loguercio. **Medo de quê? - uma história do horror nos filmes brasileiros**. Orientador: Prof. Dr. Nuno César Pereira de Abreu. Tese (doutorado) - UniveNOGUEIRA, Luís. **Manuais de cinema II: gêneros cinematográficos**. Covilhã (Portugal): Livros LabCom, 2010. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/285159>. Acesso em 23 abr. 2023
- COELHO, S. T.; SILVA, D. L. (org.). **Cinema Brasileiro Contemporâneo: reflexões e perspectivas**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2017. p. 109-124.
- GUIMARÃES, R. L. **Cinema Brasileiro de Curta-Metragem: histórico, crítica e análise de obras selecionadas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.
- HALLENBECK, Bruce G. **Comedy-horror films: a chronological history, 1914-2008**. Jeferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2009.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.
- MASCARELLO, F. **Cinema de pequena metragem: história, teoria e crítica**. Chapecó: Argos, 2003.
- MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital [recurso eletrônico] : Uma proposta para produções de baixo custo**. – [4. ed.]. – São Paulo: Summus, 2019.
- SOBCHACK, Vivian; SOBCHACK, Thomas. **Introduction: the filmic impulse**. In: Sobchack, Vivian (org.). **The address of the eye: a phenomenology of film experience**. New Jersey: Princeton University Press, 1987. p. 1-36.

FILMOGRAFIA

À MEIA-NOITE levarei sua alma. Direção: José Mojica Marins. Produção: Geraldo Martins, Ilídio Martins e Arildo Irvam. Roteiro: José Mojica Marins e Magda Mei. Brasil: Cinematográfica Apolo, 1964, 84 min, P&B.

EXORCISMO. Direção: Ian SBF. Produção: Nataly Mega, Bianca Caetano e Ohana Boy. Roteiro: Gabriel Esteves. Brasil: Porta dos Fundos, 2013, 3 min, Cor.

Le MANOIR du Diable. Direção, produção e roteiro: Georges Méliès. França. 1896, 3 min, P&B.

NOSFERATU. Direção: F. W. Murnau. Produção: Enrico Dieckmann e Albin Grau. Roteiro: Henrik Galeen e Bram Stoker. Alemanha: Prana-Film, 1922, 94min, P&B.

O CHAMADO. Direção: Gore Verbinski. Produção: Laurie MacDonald e Walter F. Parkes. Roteiro: Ehren Kruger, Kôji Suzuki e Hiroshi Takahashi. Estados Unidos: Dreamworks Pictures, Parkes/MacDonald Image Nation (MacDonald/Parkes Productions), BenderSpink e Toho Company, 2002, 115 min, Cor.

O EXORCISTA. Direção: William Friedkin. Produção: William Peter Blatty. Roteiro: William Peter Blatty. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 1973, 132 min. Título original: The Exorcist.

O GABINETE do Dr. Caligari. Direção: Robert Wiene. Produção: Rudolf Meinert e Erich Pommer. Roteiro: Carl Mayer e Hans Janowitz. Alemanha: Studio Babelsberg, 1920, 71 min, P&B.

O ILUMINADO. Direção e produção: Stanley Kubrick. Roteiro: Stephen King, Stanley Kubrick e Diane Johnson. Estados Unidos: Warner Bros., Hawk Films, Peregrine e Producers Circle, 1980, 146 min, Cor.

O JECA contra o Capeta. Direção: Pio Zamuner e Amácio Mazzaropi. Produção: Amácio Mazzaropi. Roteiro: Amácio Mazzaropi, Gentil Rodrigues e Pio Zamuner. Brasil: PAM Filmes, 1975, 95 min, Cor.

O JOVEM tataravô. Direção: Luis de Barros. Produção: Adhemar Gonzaga. Roteiro: Gilberto de Andrade e Luiz de Barros. Brasil: Estúdios Cinédia, 1937, 80 min aprox., P&B.

O ORFANATO. Direção: J.A. Bayona. Produção: Joaquín Padró e Mar Targarona. Roteiro: Sergio G. Sánchez. Espanha: Rodar y Rodar Cine y Televisión, Telecinco Cinema, Warner Bros., Warner Bros. Pictures Mexico e Esta Vivo! Laboratorio de Nuevos Talentos, 2007, 105 min, Cor.

O QUE fazemos nas sombras. Direção e roteiro: Jemaine Clement e Taika Waititi. Produção: Emanuel Michael, Taika Waititi e Chelsea Winstanley. Estados Unidos: Unison Films, 2014, 86 min, Cor.

O SEXTO Sentido. Direção e roteiro: M. Night Shyamalan, Produção: Frank Marshall, Kathleen Kennedy e Barry Mendel. Estados Unidos: Buena Vista Pictures Distribution, 1999, 107 min. Título original: The Sixth Sense.

PSICOSE. Direção e produção: Alfred Hitchcock. Roteiro: Joseph Stefano e Robert Bloch. Estados Unidos: Shamley Productions, 1960, 109 min, Cor.

SUSPIRIA. Direção: Dario Argento. Produção: Claudio Argento. Roteiro: Dario Argento, Daria Nicolodi e Thomas De Quincey. Itália: Unison Films, 1977, 99 min, Cor.

ZUMBILÂNDIA. Direção: Ruben Fleischer. Produção: Gavin Polone. Roteiro: Rhett Reese e Paul Wernick. Estados Unidos: Columbia Pictures, Relativity Media e Pariah, 2009, 88 min, Cor.

APÊNDICE A - ROTEIRO DO FILME

O PÃO QUE O DIABO AMASSOU

Por Luan Marcel

INT. SALA DA CASA DO MARQUINHO - NOITE

MARQUINHO está na sala de casa jogando videogame. Sua MÃE, bem vestida, passa ao lado se despedindo e manda dois beijos.

MATоба (V.O.)

Sexta-feira não tinha erro. A mãe do Marquinho sempre saía com o namorado e deixava a casa para ele.

EXT. CHURRASQUEIRA - NOITE

Na churrasqueira no quintal de Marquinho, MATоба traga um baseado e passa para ZÉ.

MATоба (V.O.)

E quem mais adorava isso, é claro, eu e o Zé.

Marquinho está ao lado deles e recebe o baseado de Zé.

MATоба (V.O.)

A turma do churrasco tava formada e a noite era uma criança. Nossa munição?

CLOSE. Espeto é virado na churrasqueira. Um copo é enchido até derramar cerveja. E um cigarro é enrolado.

MATOBA (V.O.)

Pouca carne, muita cerveja e alguns cigarros suspeitos

Latas de cerveja são colocadas no congelador. Marquinho olha a tela de seu celular e a hora passa de 1:59 para 2:00am.

MATOBA (V.O.)

Naquele dia, a gente se preparou para assistir a uma chuva de meteoros que passou umas 2 horas da manhã.

Os 3 amigos estão na churrasqueira. Zé está sentado com o pé em cima da mesa e reclamando. Marquinho está sentado ao seu lado mexendo no celular. Matoba está mexendo no fogo.

MATOBA (V.O.)

Deve ter sido lindo, mas o céu de Brasília tava completamente nublado e o Zé tava puto por termos perdido "esse" fenômeno. Não parava de reclamar e nem de beber.

Marquinho joga o celular em cima da mesa e levanta da cadeira.

MARQUINHO

Para com isso e bola mais um aí que eu vou esvaziar a bexiga.

Zé, balançando a cabeça negativamente, tira o pé de cima da mesa e pega uma sacolinha em cima dela. Marquinho segue em direção ao banheiro e Matoba está mexendo no espeto da carne.

MATOBA

Acho que já dá pra tirar mais um pedacinho.

Matoba leva o espeto até uma tábua em cima da bancada e corta um pedaço da carne.

Um barulho de porta batendo assusta os dois amigos, e Marquinho, com os olhos arregalados, sai correndo do banheiro.

MATOBA

Que isso? Viu um jogo do Vasco?

MARQUINHO

Não, não. Mas... ah sei lá. Um clima meio..

Matoba dá risada e anda em direção ao banheiro, segurando um copo de cerveja.

MATOBA

Tu tá é muito doidão. Anda logo que eu to apertado também.

EXT. BANHEIRO - NOITE

Matoba entra no banheiro, acende a luz, coloca o copo em cima da privada e começa a fazer xixi. Fumaça gelada sai de sua boca ao respirar, e um vulto se movimenta atrás da cortina, mas ele não percebe.

Matoba se vira e vai até a pia. Ele sente frio e os pelos do seu braço arrepiam. Ignora, abre a torneira, e lava a mão. Nesse momento a privada dá descarga. Assustado, ele olha para trás rapidamente e vê seu copo vazio. Acha que é coisa da sua cabeça, dá uma risadinha, enche a mão de água e abaixa a cabeça para molhar o rosto. Quando a levanta, uma menina está ao seu lado. Ela aparenta ter 13 anos, usa um vestido branco, seus olhos são completamente negros e é pálida como um cadáver.

Matoba vê ela, dá um grito e sai correndo do banheiro. A menina o persegue de quatro.

EXT. CHURRASQUEIRA - NOITE

Matoba chega à churrasqueira gritando. Quando os amigos veem a menina também gritam e Zé joga um pedaço de carne nela.

A menina devora a carne em uma bocada só, para de perseguir Matoba e fica de cócoras.

Os amigos estão apavorados.

MATOBA

Que porra é essa, Marquinho?

MARQUINHO

Não sei. Não tinha visto ela, só senti um clima estranho e um arrepio.

ZÉ

E o que a gente faz agora?... E que porra de música é essa?

Apressadamente, Marquinho desliga a música do celular clicando nele várias vezes.

MATOBA

Chama a polícia, né?

Os três amigos ficam encarando a menina assustadora e ela estala o próprio pescoço.

MARQUINHO

A polícia não resolve esse tipo de coisa não.

MATOBA

Então... vamos chamar um padre

MARQUINHO

Que mané chamar padre o que porra. Vou chamar um padre pro nosso churrasco às duas da manhã?

Os três continuam observando a menina. Ela está salivando e com os olhos arregalados. Zé pega uma latinha de cerveja em cima da mesa e abre.

ZÉ

Deixa ela aí então e vamos continuar. Eu tô com sede.

Matoba e Marquinho dão uma risadinha, mas logo ficam sérios. Zé dá um gole na cerveja.

MATOBA

Como é que a gente vai deixar esse demônio aí com cara de fome? Ela vai comer a gente, caralho!

A menina perde a paciência e mostra seus dentes dignos de Animal Planet. Tranquilamente, Zé joga mais um pedaço de carne para ela. A garota devora em apenas uma mordida e se acalma.

ZÉ

Ai, olha lá. Já deve até tá começando a gostar da gente.

MARQUINHO

Tá bom, Zé. Mas não precisa dar toda nossa carne para ela. Eu também tô com fome.

Marquinho pega um pedaço de carne na tábua. Quando leva o alimento à boca a menina se levanta e novamente mostra seus dentes assustadores. Zé caminha até a menina calmamente.

ZÉ

Ei, ei, ei. Parou! Se tu quer comer nosso churrasco vai ter que respeitar. Senta aí e come igual gente, porra.

Zé estende a mão e tenta dar um empurrãozinho na barriga dela em direção a um banco próximo. Mas antes de conseguir tocá-la, a garota segura seu antebraço. Os três amigos ficam assustados.

A menina parece entender a mensagem, solta o braço e fica de cócoras na cadeira.

MARQUINHO

Porra, mais um laricado

CLOSE. Carne é fatiada na tábua. Um copo com cerveja é bebido. Um baseado é fumado. E os lábios rachados da menina.

Os quatro estão sentados em volta da mesa.

MATOBA (V.O.)

No começo a gente tava meio assustado. Mas depois de mais uns golinhos, a gente foi se soltando e a menina parecia até bem comportada.

MARQUINHO

Alguém pega um copo para essa menina, pelo amor de Deus.

MATOBA

Que isso, a menina deve ter uns 10 anos!

ZÉ

A menina sim, mas o demônio aí dentro deve ter uns 3 mil

Os três amigos dão risada e a menina acompanha com um pequeno sorriso. Matoba levanta da cadeira, volta com um copo americano cheio de cerveja e o coloca em frente a garota, que o vira de uma vez. Risada geral novamente.

MATOBA E ZÉ

Bota mais um!

Marquinho enche o copo e a menina vira novamente.

MARQUINHO

Essa é das nossas!

ZÉ

Bebe mais que tu, Matoba!

MATOBA

Ah, cerveja é fácil. Busca aí a cachaça que eu quero ver se ela é boa mesmo.

Marquinho levanta e volta com uma garrafa de cachaça. Ele serve uma dose no copo da garota. Ela o vira com facilidade. Os amigos se olham impressionados com a capacidade da menina. Zé pega a garrafa e enche o copo dela de cachaça.

MATOBA

Vai matar ela!

ZÉ

Mata nada! Vamos ver até onde ela vai.

Os amigos, com os olhos arregalados, assistem à menina virar mais um copo. Após alguns segundos ela faz uma careta e dá um arrotto. Os amigos riem muito.

A garota é a primeira a parar de rir. Leva a mão atrás de suas costas, pega um pão cinza e coloca em cima da tábua vazia. Os sorrisos dão lugar a expressões sérias.

MATOBA

Eu não como isso não, tá nojento.

Zé estende a mão e arranca um pedaço pequeno do pão.

ZÉ

É, mas como é que vamos fazer essa desfeita com a garota?

MARQUINHO

Faz isso não. Imagina quem foi o padeiro dessa porra.

MATOBA

E nem ela tá comendo.

ZÉ

Ah, foda-se. Quando vamos ter a chance de comer outro pãozinho do além?

Zé come o pão e o barulho da mordida denuncia o quão duro o alimento está. Após mastigar por um tempo, engole com um pouco de cerveja. Os outros dois amigos ficam o olhando assustados. Zé balança a cabeça e se arrepia.

ZÉ

Se eu falar que tá novinho eu tô mentindo. Mas não tá ruim não, se passar uma pastinha de alho e jogar na churrasqueira dá pra brincar.

Matoba e Marquinho dão risada. A menina está séria.

ZÉ

Vamos, porra! Tô falando sério. Vou pegar aquela pastinha no capricho pra nós. A menina vai gostar também.

Marquinho dá risada e acena positivamente com a cabeça. Matoba suspira e Zé levanta.

MARQUINHO

Já aproveita que tá aí e traz o restinho da carne!

CLOSE. A mão da garota pega o último pedaço de carne da tábua. Um copo com apenas um pouquinho de espuma

de cerveja é colocado sobre a mesa. E a ponta de um cigarro é apagada no cinzeiro.

Zé chega na mesa dos amigos com o pão de alho. Ele e Marquinho pegam um pedaço. Matoba dá uma risadinha e balança a cabeça negativamente.

MARQUINHO

Não vai comer não porra?

MATOBA

Tu tá maluco? Vou comer esse pão aí que o diabo amassou?

ZÉ

(com a boca cheia de pão)

Carne não tem mais, né? A esfomeada comeu tudo.

Marquinho come o último pedaço do pão.

MARQUINHO

Porra, bom demais. Comería o dobro.

ZÉ

Pega uma cerveja aí, Matoba.

Matoba concorda, levanta, pega 3 latas de cerveja e senta. Entrega uma para Zé e uma para Marquinho. Os dois viram tudo de uma vez, amassam a lata e jogam no chão. Matoba fica impressionado e dá risada.

MATOBA

Pãozinho tava seco, hein?

Marquinho e Zé começam a ficar estranhos. Olhando para os lados e cheirando o ar.

MARQUINHO

(sério)

Matoba... me dá sua mão.

Ele estende a mão lentamente para Marquinho, que lambe a palma dela. Matoba se assusta e puxa o braço para si imediatamente.

MATOBA

Que porra é essa Marquinho?!

Zé está virando a garrafa de cachaça. Matoba levanta, pega a garrafa e coloca sobre a mesa.

MATOBA

Tão se rasgando já?

Os olhos de Marquinho e Zé começam a se tornar completamente negros, e eles olham com com apetite para Matoba. Saliva escorre de suas bocas.

MATOBA

Calma aí, caralho!

Os dois se levantam e caminham em direção a Matoba. Ele olha para a bancada ao seu lado, pega um espeto de churrasco e o balança no ar.

MATOBA

Vocês tão de sacanagem. Não é possível.

Marquinho e Zé estão cada vez mais fora de si. E quando eles chegam perto de Matoba, ele enfia o espeto na barriga de Marquinho.

MATOBA

Sai porra! É bad trip! É bad trip!

O amigo ferido passa a mão no sangue que escorre de seu torso e a leva à boca. Ele saboreia o próprio sangue, mas logo volta a olhar para Matoba.

MATOBA

(chorando)

Para. Por favor.

Marquinho e Zé atacam o amigo. A menina está sentada à mesa gargalhando alto.

EXT. PARQUE NO ALÉM - DIA

Matoba, com uma ferida grande no pescoço, está sentado em um banco de um parque ao lado de um IDOSO. Os dois vestem uma camisa e uma calça branca e estão descalços. O lugar é muito bem iluminado e bonito.

MATOBA

(calmo)

E foi assim que eu vim parar aqui.

O idoso olha para ele e balança a cabeça concordando. Ele está claramente de pau duro.

IDOSO

O meu foi Viagra.

APÊNDICE B - LINK PARA O FILME

<https://drive.google.com/file/d/16FZSypfVJqivhts446XJDCfWgvymWHLr/view?usp=sharing>